



**Paulo Leme** paulo.leme@bus.miami.edu

## ‘A Grande Porta de Kyiv’

**A** Grande Porta de Kyiv é uma das grandes peças da música clássica russa. Kyiv é o último movimento da suíte *Quadros de Uma Exposição*, composto por Modest Mussorgsky para piano e adaptada para orquestra por Maurice Ravel. Tal como a própria vida de Mussorgsky e a invasão da Ucrânia pela Rússia, Kyiv é dramática.

Espero que Kyiv também seja o último movimento do presidente russo, Vladimir Putin. Como o seu comportamento não é racional, é difícil precisar quais serão os efeitos da guerra na economia global. Te-

rá efeitos tangíveis de curto prazo e intangíveis de longo prazo. Assumindo que a guerra se restrinja apenas aos dois países e armamentos convencionais, serão quatro efeitos de curto prazo: (a) agravar os problemas logísticos; (b) aumentar o preço das commodities e inflação global; (c) deprimir o ambiente empresarial e a confiança do investidor; e (d) levar a economia russa à uma recessão e reduzir o crescimento do PIB global.

Este último efeito deve ser pequeno, porque o que a Rússia tem de ogivas nucleares ela não tem de PIB: representa apenas 1,8% e 1,3% do PIB e da

corrente de comércio global. Mas as sanções financeiras e a necessidade dos bancos centrais de aumentar juros para reduzir a inflação podem frear o crescimento mundial e nos levar a um *bear market*.

### Sanções impostas pela Otan levarão ao colapso do rublo, do sistema financeiro e da economia russa

As sanções financeiras impostas pela Otan levarão ao colapso do rublo, do sistema financeiro e da economia russa.

A última grande crise cambial e o calote da dívida pública russa em 1998 contagiaram o sistema financeiro americano, levando à quebra do poderoso fundo hedge LTCM. Não fosse a intervenção do Fed, poderia ter gerado uma crise financeira nos EUA. Hoje, a dívida externa pública russa é 18 vezes menor e as reservas internacionais são 50 vezes maiores do que em 1998. Além disso, a Otan excluiu os derivativos e os swaps das sanções financeiras, o que evita o “efeito Lehman” e reduz o risco de uma crise de liquidez global. O maior risco macro para a economia global é que a Otan proi-

ba as importações de petróleo e gás natural da Rússia.

Termino com duas grandes preocupações. A primeira é o sofrimento de uma nobre nação imposto pela vaidade de um tirano. A segunda é que as atrocidades cometidas pelos russos na *Grande Porta de Kyiv* abalará a ordem geopolítica mundial baseada no respeito às leis e à liberdade de movimentação de bens, capitais e indivíduos. A perda destes valores intangíveis reduzirá a paz, liberdade, riqueza e a cooperação entre as nações. ●

PROFESSOR DE FINANÇAS NA UNIVERSIDADE DE MIAMI E PRESIDENTE DO COMITÊ EXECUTIVO GLOBAL DE ALOCAÇÃO DA XP

SEU: Luiz Carlos Trabuco Cappi (quintzenalmente) • TER: Ana Carla Abrão, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quintzenalmente) • QUA: Fábio Alves • QUI: Adriana Fernandes • SEX: Elena Landau e Laura Karpuska (sextamanalmente) e Pedro Doris • SAB: Adriana Fernandes • DOM: José Roberto Mendonça de Barros (quintzenalmente) e Afonso Celso Pastore (quintzenalmente). Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

## Por que o declínio da indústria é mais acentuado no Brasil



Fábrica em São Bernardo; transição para economia de serviços

ARTIGO



**O**povo de São Bernardo do Campo, uma cidade próxima a São Paulo, é chamado de “batateiro”, ou plantador de batata. No entanto, eles são mais conhecidos pela sua indústria. Quase um século atrás eles fabricavam móveis. Na década de 1950, começaram a produzir carros. Logo, a região que inclui a cidade, conhecida como ABC pelas iniciais de seus maiores municípios, tornou-se a maior zona industrial da América Latina. Um trabalhador de lá, Luiz Inácio Lula da Silva, chegou ao topo do sindicato dos metalúrgicos e, mais tarde, ao topo da política brasileira.

Mas quando a Urban Systems, uma consultoria, elegeu a cidade como o melhor lugar do Brasil para fazer negócios na indústria no ano passado, muita gente se surpreendeu. Em 2013, o ABC tinha 190 mil postos de trabalho formais na indústria (que inclui manufatura e processamento). Em 2019, tinha 140 mil, ou quase um terço menos. Placas empoeiradas de “vende-se” marcam algumas das 127 áreas industriais ociosas que a pesquisadora Gisele Yamachi contabilizou em São Bernardo. Em 2019, a montadora americana Ford disse que estava deixando São Bernardo de-

pois de quase um século no Brasil. Em 2021, o setor industrial formal da cidade se manteve estável, com quase tantos empregos criados quanto perdidos. Mas a transição para uma economia de serviços é clara.

De fato, São Bernardo faz parte de uma tendência mais ampla no País. Na década de 1980, a indústria atingiu o pico de 34% de participação no PIB do Brasil. Em 2020 foi de apenas 11%.

Em outros países, a importância relativa da indústria também diminuiu. À medida que as fábricas se tornam mais eficientes, menos pessoas são necessárias para fabricar cada produto, e o emprego na indústria tende a cair mesmo com o aumento da produção. Mas o que é notável no Brasil é que o crescimento da produção foi medíocre. Entre 1980 e 2017, o valor agregado da indústria em termos reais cresceu apenas 24%, em comparação com 69% na vizinha Argentina e 204% no mundo.

As indústrias de base científica do Brasil também perderam participação no PIB mais rapidamente do que o esperado. Na década de 1980, o Brasil produzia 55% dos insumos farmacêuticos que utilizava. Em 2020, isso caiu para 5%. Quando a pandemia de covid-19 criou uma enorme demanda por vacinas, a falta de materiais atrasou o lançamento do imunizante.

### Em muitos países, a indústria também perdeu participação e reduziu os postos de trabalho, mas no Brasil a mudança não foi acompanhada de um ganho da produção

**ABERTURA.** À medida que o comércio global se liberalizou depois de 1990, o Brasil abriu o que havia sido uma economia ferozmente protegida. Mas apenas um pouco. O país continuou protegendo grande parte de sua indústria da concorrência estrangeira, diz Fabiano Colbano, do Banco Mundial. Sucessivos governos se concentraram em alimentar a demanda doméstica, em vez de aumentar a produtividade. As empresas falharam em se integrar nas cadeias de suprimentos globais. As tarifas de importação foram mantidas altas e a regulamentação continuou incômoda.

O prefeito de São Bernardo tenta tornar a cidade um lugar mais fácil para fazer negócios. Durante a pandemia, ele cortou a burocracia, baixou impos-

tos e construiu mais estradas. Ele assegurou promessas de investimento em logística e em outras áreas que favorecem a indústria no valor de US\$ 1,75 bilhão para 2021 e 2022 (o orçamento da cidade para 2022 é de US\$ 1,2 bilhão). Mas em outras partes do Brasil, a covid-19 acelerou a queda da indústria.

O aumento dos preços das commodities ajudou o Brasil a atingir um superávit comercial recorde. Mas isso mascara um déficit de US\$ 53 bilhões (ou 3,3% do PIB) em bens manufaturados. De fato, a dependência de commodities, cujas exportações no Brasil equivalem a 8% do PIB, normalmente tende a acelerar o declínio da manufatura ao fortalecer a moeda local, o que torna as importações mais baratas. A China há muito prefere comprar matérias-primas brutas e processá-las em casa.

O Brasil não precisa necessariamente de um grande setor industrial para prosperar. Em São Bernardo, os chãos de fábricas foram transformados em shopping centers e muitos moradores encontraram empregos como operadores de telemarketing. Alguns economistas argumentam que o declínio da indústria deu ao Brasil uma oportunidade de aproveitar seus pontos fortes na agricultura e na produção de petróleo.

No entanto, outros sentem que esse otimismo é equivoca-

do. “O Brasil é o pior exemplo de desindustrialização prematura do mundo”, argumenta Rafael Cagnin, da Iedi, uma associação do setor. Os trabalhadores mudaram para empregos de serviços de baixa qualificação, em vez de empregos de alta tecnologia e qualificados. Em média, sua produtividade e renda caíram, diz ele.

Uma crise econômica entre 2014 e 2016 deu um choque tão grande no Brasil que qualquer tentativa de separar os efeitos da política industrial é difícil. Mesmo antes da covid-19, o desemprego estava no nível mais alto em 50 anos, segundo o Banco Mundial.

A próxima eleição presidencial, em outubro, pode ser crucial para a indústria. Bolsonaro não fez do estímulo à indústria uma prioridade, embora no final de fevereiro tenha prometido um corte de impostos para produtos industriais. Lula, que provavelmente concorrerá contra ele, disse que, embora as commodities sejam importantes, o Brasil precisa “ser forte na indústria, na ciência e na tecnologia”. Os próximos meses provavelmente envolverão uma corrida para conquistar os corações e os votos de lugares como São Bernardo. ●

© 2022 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM